

Psicanálise: para onde?

Márcio Nunes de Carvalho,¹ Brasília

Resumo: Este texto aborda os *embates* e a intolerância que ameaçam a essência da psicanálise, destacando a tendência contemporânea de idolatria pelo “novo” e rejeição ao “antigo”. Esses conflitos, permeados por ideologias e radicalismos, comprometem o diálogo e a pluralidade teórico-clínica que deveriam caracterizar a instituição psicanalítica. O autor explora ideias de Luiz Felipe Pondé e Luis Fernando Veríssimo, associando a avidez pelo conhecimento ao desejo destrutivo que pode levar à ruína tanto do objeto desejado quanto da própria psicanálise. Por fim, questiona se esse cenário não aponta para o esgotamento da prática psicanalítica como campo de livre pensamento.

Palavras-chave: *embates*, intolerância, pulsão de morte, neutralidade

É lugar comum dizer que vivemos um momento em que o mundo está em estado de guerra. Guerras pelos mais diversos motivos e, até mesmo, inacreditavelmente, com certo prenúncio de uma terceira guerra mundial. Guerras mais longínquas e outras até bem próximas. Como, por exemplo, *embates* supostamente de ideias que muitas vezes ganham a condição de verdadeiros e “mortais” confrontos. Este texto é sobre esses *embates* que me lembram o que Ernest Hemingway conta em seu livro *O velho e o mar* (1951/2013) e Herman Melville em *Moby Dick* (1851/2008) com o obstinado comandante Ahab.

Em tempos de tantas turbulências, não é de espantar que tais *embates* alcancem todos os campos na esfera social, igrejas, universidades, famílias, centros de estudo de filosofia, esportes, mídias, passando pelas várias formas de arte, instituições científicas e tantas mais. Entretanto, o que causa *espanto* é a possibilidade de *embates* (e não debates) acontecerem numa instituição como a psicanalítica e, como é de se esperar, prevalecendo um clima de ódio e intolerância, cada qual buscando não apenas o domínio absoluto do conhecimento

1 Membro titular com função didática da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB).

como também o domínio (mental) do outro... em detrimento de uma convivência respeitosa entre seus pares. O *espanto* naturalmente levanta perguntas como as que se seguem.

Como pensar a Instituição Psicanálise quando o psicanalista que dela faz parte, com legítimos direitos a ter suas próprias convicções ideológicas em sua vida pessoal, faça uso da Instituição para legitimar tais convicções?

Como pensar a Instituição Psicanálise senão como um espaço teórico-clínico aberto a múltiplas ideias, não a uma única e nem ao conhecimento supremo?

Como pensar essa instituição onde o espaço do diálogo e questionamentos acaba literalmente obliterado ou por radicalismos, descaso, medo “de exposição”, até eventuais, circunstanciais ou temporárias limitações mentais, inevitavelmente comprometendo o nome Psicanálise e o estímulo para o livre pensar?

Como pensar a Instituição Psicanálise quando o psicanalista, ao adentrar o espaço institucional psicanalítico (através de um *splitting* funcional), não deixa fora suas convicções pessoais assim como faz quando está em sessão de psicanálise?

Como pensar a Instituição Psicanálise quando as divergências de ideias simplesmente não proliferam e armadilhas ideológicas a desviam de seus nobres objetivos fundamentados na neutralidade, abstinência e no compromisso com a verdade?

As perguntas acima podem ter sua pertinência, mas em razão do *espanto* soam como se ditas por um guardião da Psicanálise, o que não sou e nem ela, Psicanálise, precisa; ou como uma denúncia moralista, o que seria patético. Por outro caminho, talvez mais psicanalítico, espero, e com contribuições de Luiz Felipe Pondé e de Luis Fernando Veríssimo como as entendi, farei uma breve reflexão a respeito de eventual clima de *embates* no espaço da instituição psicanalítica.

Pondé, filósofo brasileiro e bastante conhecido, discutiu recentemente numa Live² sobre a massacrante presença do novo que pulveriza o antigo como se dele nada saísse de bom. Pondé, assinalou que estamos

2 “Tantos tempos” podcast, episódio 18.
https://www.youtube.com/watch?v=7amMsPn_kGc

vivendo uma era obstinada por novidades, uma verdadeira era do novo, em que a avidez e obstinação por tudo que é novo favorece o ódio ao antigo lançando-o na lixeira da história. Pensando sobre isso, e me lembrando de quando os pintores impressionistas no século 19 foram muito criticados por quem não entendeu o surgimento de uma nova estética que não invalidava a arte anterior, deduzo que o novo de hoje, da era do novo, apontada por Pondé e se apresentando com uma intolerância massacrante contra o antigo, é um novo centrado em si mesmo. Um novo amando a si mesmo e odiando o que não é novidade. Ressalto, entretanto, que olhar o novo, pensar o novo e entender o novo, é sempre um desafio diante da possibilidade de vir a estimular ressentimentos e invejas.

A essa “ponderação” de Pondé associo a de Veríssimo que encantou toda uma geração com seu humor e inteligência, apresentados em seu livro *O clube dos anjos* (1998/2019). Escreveu ele que “todo desejo é um desejo de morte” (possível máxima japonesa, segundo ele). Trata-se de uma ideia central em seu livro que se aplica à gastronomia entendida como arte, a qual, segundo ele, estabelece que “comer, como uma apreciação do objeto, acarreta a destruição do apreciado”. Diz ainda que *Fome* seria o protótipo de todo desejo ao encarnar o desejo que ao final consome, num ato de amor e celebração destrutiva, aquilo que se deseja ou desejou. Enfim, para Veríssimo, “morrer seria a finalidade maior escondida na ‘pulsão de vida’ e que o morrer comanda” (O que me lembrou o filme *O império dos sentidos*, quando o faminto desejo sexual se associou à morte).

Pondé/Veríssimo fazem-me conjecturar que a avidez pela posse oral-canibalística do objeto verdade avidamente em qualquer campo do conhecimento (científico, político-ideológico, artístico, filosófico, religioso e, particularmente psicanalítico), sinaliza para uma pulsão de vida carregando em seu bojo, e como finalidade maior, a morte do objeto. Daí deduzo, portanto, em conformidade com aqueles autores, que os *embates* movidos pelo desejo ávido do objeto apreciado, seja ele qual for, resultarão inevitavelmente na morte do referido objeto.

Por conseguinte e finalmente, uma última pergunta: não seria para esse destino que tais *embates* levariam à psicanálise?

Psicoanálisis: ¿hacia dónde?

Resumen: Este texto aborda los conflictos y la intolerancia que amenazan la esencia del psicoanálisis, destacando la tendencia contemporánea a idolatrar lo “nuevo” y rechazar lo “antiguo”. Estos enfrentamientos, marcados por ideologías y radicalismos, comprometen el diálogo y la pluralidad teórico-clínica que deberían caracterizar a la institución psicoanalítica. El autor explora ideas de Luiz Felipe Pondé y Luis Fernando Veríssimo, asociando la avidez por el conocimiento al deseo destructivo que puede llevar a la ruina tanto del objeto deseado como del propio psicoanálisis. Finalmente, cuestiona si este panorama no señala el agotamiento de la práctica psicoanalítica como un campo de pensamiento libre.

Palabras clave: conflictos, intolerancia, pulsión de muerte, neutralidad

Psychoanalysis: Where to?

Abstract: This text addresses the conflicts and intolerance that threaten the essence of psychoanalysis, highlighting the contemporary tendency to idolize the “new” while rejecting the “old.” These clashes, marked by ideologies and radicalism, undermine the dialogue and theoretical-clinical plurality that should define the psychoanalytic institution. The author explores ideas by Luiz Felipe Pondé and Luis Fernando Veríssimo, linking the hunger for knowledge to a destructive desire that can lead to the ruin of both the desired object and psychoanalysis itself. Finally, the text questions whether this scenario points to the exhaustion of psychoanalysis as a field of free thought.

Keywords: conflicts, intolerance, death drive, neutrality

Referências

- Melville, H. (2008). *Moby Dick*. Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1851)
- Hemingway, E. (2013). *O velho e o mar* (F. C. Ferro, Trad.). Bertrand Brasil. (Trabalho original publicado em 1951)
- Veríssimo, L. F. (2019). *O clube dos anjos*. Alfaguara. (Trabalho original publicado em 1998)
- Oshima, N. (1976). *O império dos sentidos*. Oshima Productions.

Márcio Nunes de Carvalho
marcio.ncarvalho@hotmail.com